



COMO ○
INSTITUTO ○ ETHOS
CONTRIBUI
PARA ○
DIÁLOGO
INTERSETORIAL

INSTITUTO
ETHOS



APRESENTAÇÃO

A aposta no diálogo como caminho e também como aprendizado tem sido a grande marca da nossa atuação, desde 1998, ano da nossa fundação. O diálogo dá forma a nossa missão de sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade justa e sustentável. E foi uma escolha consciente que só se fortaleceu nessa trajetória de 20 anos, confirmando a sua potência na produção de melhores soluções para os dilemas que permeiam a realização da responsabilidade social empresarial.

Trazer as pessoas para mesas e espaços de diálogo, com suas diferenças, demandas e interesses distintos, para encontrar e desenhar caminhos possíveis. Seguir a direção do interesse público, do bem comum, e formar convergências onde parece tão difícil. Acreditamos que somente o diálogo intersetorial é capaz de produzir transformações estruturantes e sustentáveis. Ambientes e espaços de muita escuta, confiança e consistência foram se formando, recebendo e garantindo a vocalização de visões e posições similares e diferentes. Nem sempre foi possível convergir, mas sempre foi possível dialogar. As duas histórias contadas nesse fascículo confirmam essa imagem.

Um dos principais resultados que experimentamos com essa escolha radical pelo diálogo em praticamente toda e qualquer situação, foi a construção de parcerias (e amizades) de confiança, generosas e muito produtivas. E muitos compromissos coletivos aconteceram assim e possibilitaram avanços reais na sociedade com a contribuição e participação das empresas. O que se configurou como um "jeito de fazer", transformou-nos e também se transformou em legado. Um exercício democrático contínuo.

A mais dura realidade brasileira é saber que os quase quatro séculos de escravidão seguem influenciando o destino do nosso país. Hoje em dia, elementos que definem a escravidão contemporânea ainda sobrevivem e nos desafiam: trabalho forçado, servidão por dívida, condições degradantes e jornadas exaustivas. Nem é preciso se colocar no lugar de uma das pessoas submetidas a esse tipo de prática para sentir o sufoco e a injustiça que a persistência dessa situação traz.

Um dos avanços mais evidentes é o Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo. Trata-se de um grande compromisso que nada mais pretende do que respeitar e garantir a dignidade humana. O acordo, criado em 2005, entre empresas e entidades privadas, serve para prevenir e combater qualquer possibilidade de trabalho escravo na cadeia de seus produtos e serviços. Colocar a pauta de violação máxima da dignidade humana entre as empresas foi um passo enorme. E, de fato, as empresas ligadas ao Pacto conseguem atuar preventivamente e positivamente nos setores mais sensíveis.

PACTO NACIONAL PELA ERRADICAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO

Tudo começou com uma reportagem que trouxe à tona a existência de trabalho escravo na produção de carvão vegetal para a indústria siderúrgica na Amazônia. Tivemos coragem de encará-lo: fizemos o barulho chegar nas empresas que não queriam nem ouvir falar sobre isso. Outras cadeias se revelaram, como a pecuária bovina, da cana-de-açúcar, algodão e outras. Hoje, muitas empresas são capazes de assumir sua responsabilidade, desenvolver políticas de monitoramento da sua cadeia, posicionar-se pela garantia de políticas públicas importantes e enxergar o valor ético e de negócio nessas medidas.

Compusemos uma marca importante no traçar de tal caminho diante da complexidade do tema: uma articulação intersetorial potente entre segmentos distintos da sociedade. É verdade que obstáculos surgiram, mas o saldo positivo demonstra uma capacidade de estabelecer diálogos e, principalmente, avanços.

A construção foi um desafio, pois quanto mais se entendia o problema, mais ele se revelava, demandando cada vez mais seriedade e entrega do setor empresarial. O InPacto, instituto criado para fazer a gestão do pacto, veio para trazer serenidade ao debate, mobilizando entidades, empresas, mas sobretudo, práticas em torno do compromisso proposto. Existe cooperação entre as empresas, criando soluções e encontros.

Hoje, é uma realidade para qualquer grande empresa a consulta à lista suja do trabalho escravo antes de fazer contratações, por exemplo. O trabalho escravo, para além dos aspectos de ética, justiça e humanidade, causa prejuízo na reputação e na rentabilidade das empresas. A reação em cadeia gerou resultados diretos: suspensão de financiamentos, de empréstimos, de relações comerciais e de fornecimento. E muitos trabalhadores libertados. A conclusão não pode ser outra: pela urgência histórica da agenda do trabalho decente, é cada vez mais necessário articular o setor produtivo em busca de melhores práticas.

EMERGÊNCIA DO TEMA

Em 2004, uma reportagem realizada pelo Instituto Observatório Social demonstrou como grandes empresas do setor siderúrgico lucravam com o trabalho escravo na Amazônia. Simultaneamente, uma pesquisa realizada pela ONG Repórter Brasil analisou a cadeia de comercialização de mercadorias produzidas em fazendas que constavam da lista do trabalho escravo e colocou mais luz sobre um dos mais sombrios problemas das relações de trabalho no Brasil e no mundo. Foi o estopim!

METODOLOGIA DE TRABALHO COMO ESSA HISTÓRIA FOI TALHADA

MOBILIZAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DO TEMA

Em 2005, todas as empresas rastreadas pelo estudo foram alertadas sobre seu envolvimento nessa cadeia em reunião com Ethos, OIT, IOS e Repórter Brasil. Estava aí apresentada a concretude do problema: a agenda da promoção do trabalho decente é colocada na mesa. Entidades setoriais foram convidadas a integrar o esforço e, junto com algumas empresas, passaram a mobilizar cadeias produtivas, com o intuito de identificar e solucionar o problema, nas suas peculiaridades. Em 2013, foi criado o InPACTO - Instituto Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo, como importante agente de diálogo para que empresas, entidades setoriais e atores públicos enfrentem o trabalho escravo com mais eficiência e estratégia. O Pacto é considerado pela OIT uma iniciativa das mais bem-sucedidas do mundo frente a essa questão, envolvendo distintos setores da sociedade com resultados concretos. É referência para a ação em países da América Latina.

AÇÃO COLETIVA E ESTABELECIMENTO DE COMPROMISSOS PÚBLICOS

Muitas das empresas envolvidas na pesquisa aderiram ao Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo, reconhecendo sua responsabilidade pela prevenção e combate em suas cadeias produtivas, não se relacionando comercialmente com empresas que figurem na "lista suja" do trabalho escravo. Outras empresas filiadas ao Ethos, mesmo que não mencionadas na pesquisa e de setores diversos, foram convidadas a cooperar observando suas cadeias, assinando o compromisso e apoiando causa tão justa quanto esta. Organizações da sociedade civil, o Ministério do Trabalho e Emprego e o Ministério Público do Trabalho também assinaram o pacto e tornaram-se parceiros fundamentais.

INCIDÊNCIA EM POLÍTICA PÚBLICAS

A "lista suja" passa a ser consultada como requisito para realização de negócios, como gerenciamento elementar de risco e como fator de responsabilidade social em torno do trabalho decente. Importantes leis municipais e estaduais (como a do estado de São Paulo, de 2013), que preveem inclusive o "banimento" de empresas envolvidas com o trabalho escravo, nasceram baseadas na filosofia do Pacto.

RECONHECIMENTO E MONITORAMENTO

A "lista suja" do trabalho escravo, mantida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), é a baliza nesse assunto e é amplamente divulgada. Novas organizações foram criadas, em setores críticos como produção de ferro gusa e algodão, para fiscalizar cumprimento e respeito à legislação do trabalho.

Em 2000 foi lançado o desafio: erradicar a pobreza e a fome no mundo e melhorar as condições de vida da população mais vulnerável. Justo e gigante. Compromissos mínimos para a promoção da dignidade humana. Muitos países se comprometeram, o Brasil também. As metas vinham da Organização das Nações Unidas (ONU)¹ com indicadores que podíamos acompanhar para observar avanços ano a ano. 2015 era o prazo. No balanço final, alcançamos quase todas elas, com resultados muito bons em algumas e construindo tecnologias sociais que se tornaram referência. Políticas públicas foram articuladas em programas como Bolsa Família e Plano Brasil sem Miséria e também em mudanças climáticas. Toda a sociedade deveria se envolver num esforço conjunto para poder dar pé.

Botamos o bloco na rua, literalmente. Os ODM inspiraram a passagem da escola de samba Portela no carnaval carioca de 2005 entoando com força: "Portela hoje abraça o mundo, num amor profundo pela fraternidade. O samba é o porta-voz e 'nós podemos' desatar os nós da desigualdade. A ONU e o samba, parceria ideal pro desenvolvimento mundial".

Sim, nós pudemos! Foi assim que tudo começou. Foram 8 formas de construir o futuro e de repente o mundo melhor era possível, como prometia o Fórum Social Mundial. Participamos da organização da Semana Nacional pela Cidadania e Solidariedade, realizamos o seminário do Fórum

8 JEITOS DE MUDAR O MUNDO

1. Durante a produção destes fascículos comemorativos, Kofi Annan nos deixou em 18/08/2018. Como secretário-geral da Organização das Nações Unidas entre 1997 e 2007, ele foi responsável pela proposição e lançamento da Agenda Global dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Deixamos aqui nossa homenagem.

2. Agradecimentos especiais ao publicitário Percival Caropreso por toda a sua parceria, disposição e envolvimento na criação da Campanha 8 Jeitos de Mudar o Mundo e por sua crença nessa jornada.

Eram 8 objetivos, 8 metas. Que se transformaram em 8 jeitos de mudar o mundo e uma campanha para trazer todo mundo². Teve envolvimento, criatividade, doação, muita parceria e vontade na produção da campanha brasileira, que conseguiu enfim traduzir o desafio para todos, daqui e de fora. A ONU gostou e levou. E os oito jeitos de mudar o mundo foram conversar por aí. Por aqui também. Criamos um grande diálogo em torno dessas grandes metas e suas correspondências em políticas públicas, programas, projetos, iniciativas e tudo quanto era reforço na jornada. Muita gente se conheceu e se reconheceu nesse caminho.

Social Mundial, produzimos publicações para ajudar as empresas a contribuir com o alcance das metas, criamos até um site pra facilitar parcerias que se somassem às ações governamentais. Depois fizemos os Indicadores Ethos de Responsabilidade Social conversarem detalhadamente com cada um dos Objetivos do Milênio, mostrando que dava pra fazer muito, com sugestões claras e concretas para o envolvimento das empresas.

O novo compromisso global chegou em 2015 com a Agenda 2030 e mais 17 jeitos de mudar o mundo integrados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Antes disso, em 2012, já havíamos contribuído com um documento que idealizamos e desenvolvemos com empresas e parceiros com propostas para a Rio+20. Essas propostas foram o embrião para a construção da Agenda 2030. E aqui estamos: integrar crescimento econômico, justiça social e proteção do meio ambiente. Crescer, incluir e proteger. Prontos para continuar. E já conhecemos os caminhos para não desistir e seguir.

EMERGÊNCIA DO TEMA

Em 2000, a ONU lançou os Objetivos do Milênio, que buscavam convergir uma ação coletiva global para reduzir a pobreza extrema mundial. Em 2003, o Governo Federal se conectou com os ODM ao lançar programas de promoção de direitos básicos integrados no Programa Fome Zero. O Ethos participou envolvendo empresas para unir forças nessa agenda no Brasil e no mundo.

MOBILIZAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DO TEMA

O Ethos encomendou uma campanha para divulgar os ODM, incluindo ícones para os objetivos, o slogan “Nós Podemos” e um site com proposições práticas para que as empresas tivessem aderência aos objetivos propostos. Observando a qualidade da campanha, a própria ONU assume os ícones para divulgar mundialmente os ODM. O Ethos, ainda, desenvolveu seminários, encontros e publicações que tratavam de conceituar as questões dos ODM e trazê-los para o campo da responsabilidade social empresarial, provocando as empresas à ação e à mobilização.

AÇÃO COLETIVA E ESTABELECIMENTO DE COMPROMISSOS PÚBLICOS

O chamado para que as empresas fossem atores importantes para os 8 objetivos do milênio lançados - erradicar a pobreza extrema e a fome; atingir o ensino básico universal; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; e estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento – era por si um convite ao compromisso público, que envolviam oscs, empresas e governos. Em campos específicos, alguns grupos surgiram e criaram compromissos, como o Grupo de Trabalho de Empresas e Combate à Pobreza. Em 2014, esses objetivos se renovaram nos ODS e passaram a permear a estratégia de projetos e temas pautados pelo Ethos, bem como sua visão em aderência à Agenda 2030.

RECONHECIMENTO E MONITORAMENTO

Os próprios ODMs propunham que cada país desenvolvesse um sistema de acompanhamento das metas. No Brasil, Governo Brasileiro, Ipea e PNUD publicam regularmente relatórios de acompanhamento. A integração dos Indicadores Ethos com os ODM/ODS fez com que as empresas que aplicassem essa ferramenta pudessem acompanhar sua conduta e integrar as metas coletivas. Relatamos e publicamos boas práticas empresariais que impactavam a realização dos ODM.

INCIDÊNCIAS EM POLÍTICAS PÚBLICAS

A articulação da participação da Febraban no Programa Cisternas é um dos maiores exemplos desse engajamento do setor privado na execução de políticas públicas. Pode-se dizer que no caso dessa campanha global e de sua aplicação no Brasil, havia como pano de fundo a proposição de ações coletivas e de políticas públicas no sentido do combate à extrema pobreza e à promoção de cidadania, sob diversos aspectos.

COMO ESSA HISTÓRIA FOI TALHADA



“A MARGEM DE ESPAÇO
É PEQUENA QUANDO
SE RESPEITAM OS
DIFERENTES NO DIÁLOGO.
DEPENDENDO DA QUESTÃO,
POSICIONAMENTOS,
FLEXIBILIDADE MAIOR
OU MENOR. MAS O
RESULTADO É ALGO
IMPAGÁVEL, PODEROSO
QUE NOS REFORÇA COMO
ORGANIZAÇÃO”

CAIO MAGRI, INSTITUTO ETHOS

OUTRAS HISTÓRIAS

JOGOS LIMPOS DENTRO
E FORA DOS ESTÁDIOS

CONFERÊNCIA ETHOS

OBJETIVOS DE
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL (ODS)

VOZES DA MODA

FÓRUM AMAZÔNIA
SUSTENTÁVEL (FAS)

ADAPTACLIMA

COALIZÃO EMPRESAS
E DIREITOS HUMANOS

DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

MOVIMENTO EMPRESARIAL
PELA INTEGRIDADE
E TRANSPARÊNCIA

REDE BRASIL
DO PACTO GLOBAL

COALIZÃO BRASIL CLIMA,
FLORESTA E AGRICULTURA

LITORAL TRANSPARENTE

GOVERNO ABERTO

PLURIALOGO

WWW.ETHOS.ORG.BR

INSTITUTO ETHOS

CONSELHO DELIBERATIVO

Andrea Alvares, Cida Bento, Franklin Feder, Jorge Abrahão, Marcelo Behar, Oded Grajew, Olinta Cardoso, Oscar Vilhena, Paulo Nigro, Ricardo Young, Sérgio Ephim Mindlin

ASSOCIADOS CURADORES

Daniel Feffer, Eduardo Capobianco, Franklin Feder, Guilherme Leal, Helio Mattar, Jorge Abrahão, Oded Grajew, Olinta Cardoso, Ricardo Young, Roberto Silva Waack, Sérgio Ephim Mindlin

EQUIPE ETHOS

Alexsandra Maria da Cruz, Ana Lúcia de Melo Custódio, Bianca Cesário da Silva, Caio Luiz Carneiro Magri, Cibele Ferreira Campos, Clóvis da Silva, Débora Rosa dos Santos, Denize Rodrigues Mariano, Edson Lopes da Silva Júnior, Emerson Fernandes Nunes, Érica Ramos da Cunha, Fabio Gonçalves Meneguini, Fabio Mamoru Ogawa, Felipe Saboya, Flávia Anguiano Resende, Glaucia Oliveira, Gustavo de Medeiros Ferraz,

Henrique Corregedor Ferraz, Ivanaira Nascimento dos Santos, Ivonete Epfanio da Silva, Izabella Andrade Silva, Juliana Duran Almeida Prado, Juliana Soares de Brito Santos, Leonardo Augusto Dufloth, Luis Renato Nascimento, Luiza Yorioka Rodrigues, Mariana Peixoto, Marina Esteves Vergueiro de Almeida, Marina Martins Ferro, Marina Rodrigues da Cunha Estima, Milene Veiga de Almeida, Paula Oda, Paulo Adriano Guedes de Oliveira, Regiane Bueno Teixeira, Rejane Romano Silveira, Scarlett Rodrigues da Cunha, Sheila Santana de Carvalho, Solange Parro, Tiago Krupinsk Oliveira Cruz, Valéria Romão

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

Alcoa, Carrefour, Coca-Cola Brasil, Natura, Shell, Walmart Brasil

PARCEIROS ESTRATÉGICOS

Accenture, Gad, Ibracem, Patri Políticas Públicas

APOIO

ABRAINC, Santo Caos

REALIZAÇÃO

(re)contar - gerar outras realidades

RECONTAR.NET

EQUIPE

Ana Letícia Silva, Betina Sarue, Danilo de Paulo, Luciana Aguiar, Mariana Resegue, Ricardo Moura

APOIO TÉCNICO

Letícia Yaba, Ronaldo Cahin e Paulo Motoryn

ILUSTRAÇÕES

Xiloeasa

Agradecemos o Instituto Acaia pela acolhida e parceria.

Artistas: Beatriz Lira, Danilo Juliano, Fernando Melo, Flavio Capi, Gabriel Balbino, Igor Santos Romualdo e Mateus Costa

ANIMAÇÕES

Trim Estúdio

ENTREVISTAS

Um agradecimento especial a cada um dos entrevistados que compartilhou histórias e conhecimento de forma tão carinhosa e atenta para compor o material comemorativo dos 20 anos do Ethos. Obrigada por caminharem junto conosco!

Adriana Ramos, Caio Magri, Claudia Jeunon, Franklin Feder, Giuliana Ortega Bruno, Gláucia Barros, Jorge Abrahão, Judith Morrison, Leonardo Sakamoto, Luis Ulla, Marcelo Behar, Mércia Silva, Nicole Verillo, Oded Grajew, Paulo Itacarambi, Raí Oliveira e Ricardo Young



**"A POSSIBILIDADE DE CONSTRUIR UMA
REFERÊNCIA COMUM NUM ESPAÇO DE
CONFIABILIDADE ENTRE EMPRESAS
E OUTROS ATORES ENVOLVIDOS,
PARA DESENHAR UM PLANO DE AÇÃO OU
SOLUÇÕES TEM DADO CERTO E A GENTE
APRENDEU MUITO COM O ESPAÇO E AS
ESTRATÉGIAS DO ETHOS."**

MÉRCIA SILVA, IMPACTO

**"O ETHOS CONSEGUIU TRABALHAR BEM
COM PARCEIROS E EQUIPE PORQUE
TRABALHAVA EM NÍVEIS DISTINTOS
DE DIÁLOGO. DO SUPERFICIAL ATÉ
O DIÁLOGO EM QUE SE CRIA JUNTO,
EM QUE UM MODIFICA O OUTRO."**

PAULO ITACARAMBI

**"O TEMPO DA DENÚNCIA É DIFERENTE
DO TEMPO DO DIÁLOGO. A BELEZA
DESSA HISTÓRIA É QUE ESSA
DINÂMICA FAZIA AS COISAS GIRAREM.
DA DIFERENÇA TEMOS A MUDANÇA."**

LEONARDO SAKAMOTO, REPÓRTER BRASIL